

GABRIELA MACHADO
REVER
30 MAI – 6 JUL 2013

Gabriela Machado - *as flores e as folhas antes / depois*
(entre *liliputianos* e *Gulliver*)

"Todo anjo é terrível. E, não obstante, ai de mim, já os canto..."
(Rainer Maria Rilke, "Elegia II", *Elegias de Duíno / Sonetos a Orfeu*)

"...Aflora uma linguagem de defloramentos, um inauguração de falas
Coisa tão velha como andar a pé
Esses vareios do dizer."
(Manoel de Barros, "Retrato Quase Apagado em que se Pode Ver Perfeitamente Nada.")

"...outras feridas alastram subitamente no fulcro da memória
outras noites atravessam-me
semeiam pelo corpo flores e pânico..."
(Al Berto, "Outras Feridas", *Vígilias*)

2 anos *depois*, retomo *as flores e as folhas [antes]* de Gabriela Machado. Nesse intervalo foi possível visitar o seu ateliê no Jardim Botânico - Rio de Janeiro. Num dia meio nublado e com chuva por intermédio, as plantas e as flores no pequeno pátio interior do ateliê confundiam-se com as desenhadas e pintadas pela artista carioca.

David Hume, no séc. XVIII, soube valorizar a disciplina e sabedoria dos pintores quando lhes reconheceu legitimidade (quase exclusiva) para definirem a "norma de gosto". Essas diretrizes que guiaram o público no conhecimento e para efeitos de exercerem juízos de valor – enunciando e aplicando uma axiologia estética. Entendeu os criadores como guias para a formação do gosto, designando-os por excelência. A estes acresceu os estetas, aquelas pessoas que de perto com eles privassem. Ou seja, enfatizando a exigência de existir uma proximidade aos artistas e saber direto às suas obras. Efetivamente, ao conviver com artistas e autores, aceita-se essa aproximação, com fruição e intuito de elaborar ideias precisas acerca do que sejam o seu pensamento e produção. Hoje, estas ideias de Hume, prevalecem no quadro conceptual e revelam-se pertinentes.

As viagens de Gabriela Machado a Lisboa – a anterior retrocede a 2011 – realizam-se, com periodicidade desde há anos, tendo ganho uma noção bem realística e cúmplice à cidade e, em particular, quanto às zonas históricas e cêntricas que percorre. Absorvendo e elaborando as imagens de flores, árvores e demais vegetação esparsa pela cidade, àquelas espécies que povoam os arredores e a envolvimento de seu ateliê no Rio, a artista trouxe para "dentro de muros" novas morfologias, conferindo o interesse de lhes aprofundar espessura e modelação.

As pequenas pinturas que mostra na Galeria 3+1, seguindo as suas próprias palavras "venceram-na pelo cansaço", pois resultam de um processo moroso de elaboração, onde as camadas de tinta, para além de as volumetizarem, plasmam a duração e a decorrência do tempo. Tanto as pinturas estão saturadas de si mesmas como da tinta da história – seus episódios e situações, presumo eu, vividos pela autora. A matriz inicial significou um acumulo que densificou a iconografia, povoando-a de conteúdos semânticos convergentes. O acto de sobre uma superfície se debruçar, num acto minucioso que envolve a atenção da mão quanto do corpo, adquiriu fisicalidade no processo tridimensional que agora se conhece.

A pessoa do artista é uma espécie de Gulliver que ternamente encara as suas criações quase liliputianas mas possuidoras de uma energia incrível e saudando as emoções cromáticas, tanto assim que se extravasam, saem de si para que lhes seja outorgada (reconhecida) estatura e equilíbrio, de modo a se erguerem e permanecerem por si só no espaço. As flores, folhas são criaturas. A densidade

da cor, pelo tato da autora garantiu-lhes essa condição. Povoam as paredes, apropriando-se de um tempo e ficando. Duram, não são efémeras, contrariando a precariedade da vida. Estabelecem-se. As pequenas esculturas de porcelana (argila, pigmento e esmalte) ganham consciência e instalam-se. Desde há 8 meses que estas peças de pequeno formato são trabalhadas:

“...são trabalhos que trazem o olhar da minha pintura, são esculturas que saem do fazer, da observação e principalmente da curiosidade com o material, meu trabalho acontece muito pelo o que pode instigar meu olhar e minha curiosidade.”
(Gabriela Machado, excerto inédito, 28 maio 2013)

Na mostra de Lisboa, as peças perfilam-se num *randoom display* algo intimista que apela à acuidade e prolongamento do olhar e seduzem o tato. As bases de madeira, onde estão colocadas, incorporam-se nas esculturas respetivas, erigindo um todo convertido em qualidade indissociável. Cada um dos pedaços de madeira, de aparência tosca, foi cuidadosamente escolhido, como se estivesse previamente destinado a pertencer àquela mesma escultura e determinando-a. Nalguns dos casos, os bocados de madeira aparentam ser quase geométricos, empilhados e consignados sob essência de pedestal. Estatuam, acentuando quer o brilho e brancura, quer o colorido nas peças modeladas. Na (história da) arte europeia constata-se a recorrência em diferentes estilos e períodos, no respeitante à criação de flores esculpidas, celebrando um gosto e estética pregnantes. Lembrem-se, a título de exemplo, as flores de porcelana, na Espanha do séc. XVIII. A sua detalhada entoação volumétrica, a estreiteza rigorosa de contornos e pormenores, num fechamento técnico e perfeccionista, atuava numa direção quase oposicional às obras aqui exibidas. As folhas, flores e caules modelados são algo pitoresco, revendo a definição do gosto instituído por outras fixações normativas. As flores contorcidas relacionam-se à tensão pulsional que Gabriela Machado inflige nas suas pinturas, através das pinceladas e empastamentos de óleo. São grossas e densas pinceladas, exercidas com uma decisão irrevogável, assim instaurando um novo endereçamento no seu percurso artístico. As morfologias corporalizadas expandem uma intencionalidade que viaja entre tipologias de barroco e o informalismo de alguns pequenos modelos (estudos) antropomórficos, em gesso, de Rodin ou Camille Claudel. Oscilam entre uma segurança técnica e a autonomia de conformar figuras – patenteando um hibridismo “dirigido”. Tomando como impulso elementos do mundo visível e cognoscível, a autora acede a um território onde o real é domado pelo imaginário pessoal, sob desígnio da intuição e vontade.

Para estabilizar estas peças em convulsões anímicas, a pasta não foi esticada, nem planificada. Antes foi concentrada, amassada pelas mãos (num ato de posse), testemunhando tensões e equilíbrios, ordenados consoante o ritmo das ideias, da *praxis* e da *poiésis*.

Mais e mais, olhando as esculturas, à semelhança do que já ocorria ao contemplar as suas pinturas, em algumas das formas, os desígnios configuram pequenos seres, ansiosos por guardar *in extremis* a sua alma.

Flores e frutos, são palavras que integram frases em diversas compilações poéticas de Rainer Maria Rilke. Como se brotassem da terra e quisessem ser estabilizadas na terra:

“A diversidade das figuras/ do teu antiquíssimo abandono é tal/ que só, durante umas breves medidas, / ó fecunda natureza, / te conseguimos acompanhar.” (R.M. Rilke, *Frutos e Apontamentos*)

As flores pintadas e as flores esculpidas, reunidas, constituem uma miniatura de jardim, instalam uma paisagem detalhista. Um jardim imaginário – algo liliputiano (pois não...), onde interpelam quem delas se queira alojar.

Maria de Fátima Lambert
São Paulo, maio 2013